

Outubro de 1985

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Sexta-feira 4 1859

O SR. RALPH BIASI — respondo ao seu aparte e ao feito anteriormente pelo Deputado Agnaldo Timóteo: nós, da Aliança Democrática, elegemos para Presidente o estimado Dr. Tancredo Neves, e o destino nos deu o Presidente José Sarney. Felizmente foi ele, porque a sua conduta como homem público tem sido correta, digna e soube, em tempo, reconhecer os males da ditadura, coisa que V. Ex.^a não fez até hoje. Ele dignifica o nosso País e a nossa República. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Concedo a palavra ao Deputado Celso Barros, como Líder.

O SR. CELSO BARROS (PFL — PL Como Líder. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, o espírito da civilização nasceu com o das cidades. A história dos povos teve sempre início nas comunidades urbanas formadas pela própria ordem natural em que o nascimento e a continuidade da vida explicam a própria existência das cidades. O próprio termo cidade, relacionado com *civitas*, vem de *civis* — cidadão — e só o exercício da cidadania pode explicar a origem das cidades, por não se compreender que se dá o nome de cidade a uma comunidade em que não se pratique a cidadania.

Nesse sentido, Brasília não pode ser considerada uma cidade, pelo menos até o momento em que não lhe foi reconhecido o direito de votar, ou, antes, apresenta-se ela com a figura e com a imagem de uma cidade diferente, uma cidade que não nasceu de um espírito comunitário, mas que foi conduzida através de um processo de técnica e de racionalização e, portanto, em sentido inverso àquele que informa o espírito das cidades.

Basta ler "La Cité Antique", de Fouquet de Coullanges, para verificar-se que as cidades primitivas foram aquelas comunidades que praticaram a democracia através do voto. E não precisamos multiplicar os exemplos, pois quando o espírito de uma comunidade se estrutura em ordem a uma identificação de que a vida da comunidade traduz as aspirações do povo, esta comunidade identifica-se com o próprio Estado, como foi o exemplo da Grécia, ou quando essa comunidade encarna o próprio poder, ela se manifesta através de Roma, onde a cidade era o próprio poder. Estas palavras servem apenas para mostrar que Brasília está adquirindo o sentido de comunidade, mas só vai constituir-se precipuamente em cidade a partir do momento em que o seu povo tiver o direito de escolher aqueles que vão decidir os seus próprios destinos.

O espírito e a larga visão de Juscelino Kubitschek transportaram para essas paragens aquele dinamismo técnico do qual nasceu Brasília, a cidade do futuro e da esperança. Não era ela propriamente uma cidade, mas apenas o centro do poder, esse poder que não emanava do espírito e da vontade da sua população diversificada, mas o poder emanado daqueles que aqui construíram, não o espírito da comunidade, mas os interesses políticos concentrados em torno do Palácio do Planalto.

Hoje, a comunidade de Brasília alimenta a esperança de que, dentro de pouco tempo, terá conquistado o seu espírito de cidadania, espírito este que só se pode explicar na plenitude dos seus valores, quando a comunidade de Brasília for convocada para manifestar a sua vontade no tocante à escolha dos seus dirigentes. E é a isto que visa o projeto de emenda constitucional há pouco lido pela douda Presidência desta Casa, e ele representa um momento definitivo na história de Brasília. Por isto mesmo, esse projeto trouxe para cá uma assistência constante de representantes da comunidade de Brasília, precisamente para assistir à leitura do projeto na expectativa de que o Congresso Nacional, sentindo essa presença, venha a dar a resposta global às aspirações dos brasileiros. E aquela cidade nascida na chapada que hoje é Brasília...

O Sr. Agnaldo Timóteo — Mais do que justo, Deputado.

O SR. CELSO BARROS — ...nascida da técnica e também do idealismo vai converter-se numa cidade comunitária em que deverão ser preservados aqueles valores que sempre atuaram no espírito da comunidade nacional. Isso mostra a relevância desta proposta de emenda constitucional, não somente para que Brasília tenha

seus Senadores e seus Deputados eleitos pelo povo, para que tenha não só a representação federal, mas também a representação de que necessita a sua comunidade para que, através dela, se possam resolver os seus problemas.

Ouçõ o nobre Deputado Agnaldo Timóteo.

O Sr. Agnaldo Timóteo — Nobre Deputado, mais do que justa a aspiração da população de Brasília. No sonho de ontem, realidade de hoje. Mais do que justo que seus habitantes escolham seus representantes. Não se justifica realmente que a Capital da República não tenha representação no Congresso Nacional. Consideramos esse um fato relevante, e estamos certos de que o Congresso Nacional saberá respeitar essa relevância. Seguramente muito breve, Brasília terá representatividade no Legislativo Federal, como as demais Unidades Federais do Brasil. Muito obrigado. (Palmas nas galerias.)

O SR. CELSO BARROS — É este o objetivo que devemos colimar, a partir de hoje com a leitura desta mensagem em torno da qual, de agora em diante, irão pensar os brasileiros, confiados na determinação deste Congresso, de que ele, compreendendo aquela situação de exceção em que foi colocada Brasília, saiba corresponder às aspirações dos brasileiros, no sentido de que o povo, na primeira oportunidade, possa livremente encaixilhar-se para as urnas e depositar nelas o seu atestado de cidadania, que até agora lhe foi negado numa usurpação do poder.

Brasília, que nasceu à sombra do Poder, que sempre foi conduzida pela força do Poder, adquire agora maturidade política, porque a sua comunidade, formada de pessoas dos mais diversos Estados do Brasil, sobretudo daqueles mais pobres, para cá vieram à procura de trabalho, e que aqui sacrificaram, às vezes, a própria vida — é o que se deduz daquela denominação tão característica de cangango —, hoje vai não apenas reviver a esperança que se abriu nos seus claros céus, através do idealismo de Juscelino Kubitschek, mas vai também repousar neste Congresso Nacional a sua confiança, para que, passando pelas urnas populares, possa adquirir o sentido da sua grandeza política e da sua cidadania.

Daí, por que, Srs. Deputados, Srs. Senadores, o Partido da Frente Liberal, através da sua Liderança na Câmara dos Deputados, em harmonia com as palavras já aqui manifestadas pela sua Liderança no Senado Federal, sente-se profundamente satisfeito em saber que vai contribuir positiva e decididamente, para que a cidade de Brasília, nascida sob o império da técnica e das diretrizes da razão, possa agora conquistar seu espírito de comunidade e fazer valer aquele direito legítimo que ela conquistou, se não no seu nascimento, pelo menos através da sua própria vida, de como escolher seus governantes, mediante manifestação livre da vontade popular. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (José Fragelli) — Concedo a palavra, como Líder do PDS, ao nobre Deputado Eduardo Galil.

O SR. EDUARDO GALIL (PDS — RJ Como Líder. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, em primeiro lugar, quero manifestar a minha solidariedade ao ilustre Deputado Celso Barros pela colocação feita sobre o direito de voto que assiste à Capital deste grande País, Brasília.

Sr. Presidente, tampouco poderiam ficar sem resposta as alucinações que permitiram ao Deputado Ralph Dias enxergar na Nova República em seu setor econômico acertos e benefícios que se traduzam no bem-estar da população brasileira. Esmerou-se S. Ex.^a em pesquisar os Anais desta Casa, em buscar discursos e pronunciamentos, em tecer acusações aos Ministros passados da área econômica, apontando contradições em todos eles. Esqueceu-se, porém, de registrar a postura e a colaboração do atual Presidente ante tudo aquilo que, segundo ele, contribuirá para a desgraça da população brasileira. Pelo contrário, teve elogios ao Sr. José Sarney, dizendo que se porta com muita dignidade na Presidência da República, e, como na Presidência da República S. Ex.^a se encontra, como por um passe de mágica, essa investidura lhe ilide a responsabilidade pelo passado, que repudia e aponta como causa dos males do presente, e possivelmente do futuro. O Presidente José Sarney apoiou toda

essa política repudiada, achincalhada, e o fizera não só contra Ulisses Guimarães, mas também contra Tancredo Neves, e conti a os expoentes maiores da oposição da época. Mas agora S. Ex.^a mudou, porque está na Presidência da República. Mudou, conforme aquela expressão de Theodoro White no sentido de que "a proximidade do Poder aumenta a dignidade dos homens".

Entretanto, pergunto que acerto é este, Sr. Presidente e Srs. Congressistas, na política econômica, que não necessita de rebuencamentos. O Líder do Governo está ali, na sua bancada, e poderá responder-me. No princípio do ano, a carne de boi custava 6 mil cruzeiros o quilo, e, hoje, o povo, para comê-la, tem de pagar 30 mil cruzeiros.

O Sr. Hélio Manhães — Permite-me um aparte, Deputado Eduardo Galil?

O SR. EDUARDO GALIL — Se V. Ex.^a me responder como isto é um acerto, poderá apartar-me. Onde está o acerto de uma política econômica que permite que o preço da carne de boi, há 7 meses 6 mil cruzeiros o quilo hoje seja de 30 mil cruzeiros. É justo isto?

O Sr. Hélio Manhães — Nobre Deputado Eduardo Galil. V. Ex.^a como parlamentar experiente — e aqui no plenário desta Casa há alguns Deputados atentos até esta hora — há de concordar em alguns aspectos. V. Ex.^a quer fazer, agora, o julgamento para a História dos cinco meses do Governo da Nova República — ou sete meses, descontamos aquele período dramático, com as dificuldades de implantação do Governo. Admitimos que sejam sete, mas podiam ser oito. Numa análise não apaixonada, feita com isenção, verifica-se que este Governo está iniciando com um esforço patriótico de corrigir exatamente os vinte anos de desarrumação do Governo do partido de V. Ex.^a

O SR. EDUARDO GALIL — Que o Sr. José Sarney defendeu e em o qual colaborou.

O Sr. Hélio Manhães — Duvido, Deputado Eduardo Galil, que nas ruas deste País alguém tenha coragem de condenar o processo que se inicia, dizendo que é culpado pela desgraça deste país durante vinte anos, tanto na economia, como em fatos que acontecem diariamente na sociedade brasileira como um todo. V. Ex.^a sabe o que é governo. A filosofia de governo não se pode desligar dos fatos. Evidentemente, a crise aí está com aumento de preço de gêneros em geral. O Governo tenta conter o processo da inflação, a alta do custo de vida, está lutando no campo da política internacional, tenta estabelecer uma nova diretriz em todos os campos da Administração Pública deste País, mas encontra o foco de corrupção, da irresponsabilidade e da incompetência. Acredito, até que não será o Governo do Presidente José Sarney que conseguirá repor o Brasil no rumo da normalidade do respeito que, evidentemente, este País está a reclamar. De forma que não se trata apenas de responder a V. Ex.^a sobre a causa do aumento do preço da carne. V. Ex.^a deve responder se o que aconteceu no Brasil, durante vinte anos, não tem reflexo imediato na crise que a economia vive, hoje — e o preço que o povo brasileiro está pagando é alto. Quem tem que perguntar somos nós, do PMDB: quem tem que perguntar a V. Ex.^a do PDS, é a opinião pública deste País. Aliás, seu partido está tão esfacelado e tão desmoralizado que hoje sequer pode disputar eleições na Capital do Estado. Portanto, quem está dando a resposta é o povo nas ruas. Nós é que temos que perguntar, não V. Ex.^a O PDS não tem autoridade moral para perguntar coisíssima nenhuma.

O SR. EDUARDO GALIL — Sr. Presidente, gosto de satisfazer os curiosos, e de fazê-lo na plenitude da resposta. Quem sou eu, porém, modesto Deputado de duas Legislaturas, para responder sobre a desgraça, a desmoralização de vinte anos passados? Sempre fui um Deputado modesto, humilde, mas hoje, como político, acho que o PMDB tem o direito de questionar, de instituir até mesmo uma CPI. Tem de chamar o maior conhecedor dos fatos, colocá-lo comissão e investigar a causa da desgraça. Por que esses focos de corrupção? É preciso deixar de bater palmas, de dizer amém, "sim, senhor". O primeiro a ser questionado é o